



## **“Eu dou minha vida pelas ovelhas” (Jo 10,15). A liberdade de Jesus como expressão da vontade de sentido à luz da logoterapia de Viktor Frankl**

Mariano Daniel Surace<sup>1</sup>

### **Resumo**

Viktor Frankl (1905-1997), neurologista e psiquiatra, é o criador da logoterapia, baseada no conceito da vontade de sentido. A vontade de sentido é a força motivadora no ser humano e expressa a identidade e o ser mais autêntico. A falta deste sentido provoca o vazio existencial, uma das marcas da pós-modernidade no seu niilismo radical. Os cristãos têm em comum uma vontade de sentido, uma forma de viver que orienta a vida: o seguimento de Jesus Cristo. Viver em total obediência filial foi a vontade de sentido que motivou Jesus a viver por amor a Deus em oferenda aos homens. Ele se reconhece Filho de Deus e age por amor, em obediência ao Pai e guiado pelo Espírito Santo. Jesus exerceu plenamente sua liberdade, e determinou-se a viver uma vida ofertada por amor, onde não cabia o pecado. Ele exerceu uma liberdade responsável, já que assumiu as consequências de seu atuar, sobretudo na cruz. E na ressurreição o Pai afirma seu amor, libertando-o da morte, e o Filho, na sua liberdade, vai para junto do Pai. O Evangelho de João, é o que melhor mostra esta faceta da vida de Jesus. “Dar a vida por suas ovelhas” (Jo 10,15) traduz a escolha de Jesus e resume o sentido que ele deu à sua vida a partir do exercício de sua liberdade, e é posto em prática na cena do lava-pés (Jo 13,1-20), como o legado concreto de seu amor. Assim, a liberdade de Jesus é um claro reflexo da sua vontade de sentido, expressada na sua vida. Jesus exerceu plenamente a liberdade humana, levando-a à plenitude, como todo ser humano está chamado a viver.

**Palavras chave:** Vontade de sentido. Liberdade. Viktor Frankl. Jesus. Evangelho de João.

### **Introdução**

Todas as pessoas desejam viver uma vida feliz, plena e cheia de sentido. Porém, no mundo pós moderno, com a emergência do subjetivismo e a multiplicação das opções de vida, parece mais difícil descobrir o que verdadeiramente nos faz felizes. No mundo da tecnologia e da primazia da tela, o exercício da solidão e a pergunta pelo sentido da vida parecem um absurdo, e a proposta de olhar o nosso interior não faz sentido e é uma perda de tempo. A descoberta do verdadeiro sentido para a vida fica, portanto, prejudicado porque a pessoa se vê bombardeada de tantas propostas diferentes que não chega a amadurecer sua liberdade para escolhas autênticas e verdadeiras. Aliás, se prega o

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). E mail: marianosurace@hotmail.com



exercício da liberdade, mas a fidelidade a um projeto para sempre – como o matrimônio ou a vida consagrada - fica descartada.

Viktor Frankl (1905-1997), neurologista e psiquiatra, foi quem criou a logoterapia, baseada no conceito da vontade de sentido. A vontade de sentido é a força motivadora no ser humano que dará forma à nossa opção fundamental, determinando nossa vocação e, como consequência, nossa felicidade. A falta deste sentido provoca o vazio existencial, uma das marcas da pós-modernidade no seu niilismo radical. E esta vontade de sentido, enquanto dimensão pessoal, exige a liberdade.

Os cristãos temos em comum uma vontade de sentido, uma forma de viver que orienta a nossa vida: o seguimento de Jesus Cristo. A vida de Jesus se caracteriza por sua fidelidade ao Pai e ao seu projeto de Reino de Deus. Jesus não apenas “sofreu” a sua missão como um imponderável. Ao contrário, decidiu a favor do sentido na sua vida na fidelidade ao Pai. Pretendemos identificar na pessoa de Jesus aquela forma de viver a liberdade que responde à sua vontade de sentido e pela qual foi capaz de “dar a vida pelas ovelhas” (Jo 10, 15). Podemos achá-las principalmente em duas passagens do Evangelho de João: no discurso do Bom Pastor (cf. Jo 10,11-18) e a passagem do lava-pés (cf. 13,1-20) como expressão da sua liberdade e a vontade de sentido. Dar a vida não significa “ter que morrer” para salvar os seres humanos, mas “ser capaz de morrer” pela fidelidade a um projeto assumido e que constitui o sentido último de uma existência. Esta dimensão existencial se encontra em nosso Mestre, Jesus Cristo, que exercia esta liberdade e era fiel a um projeto, demonstrando que é possível viver com sentido.

### **Liberdade e sentido**

No exercício cotidiano da liberdade, nós nos enfrentamos num só dia com uma inumerável quantidade de decisões, desde as mais elementares e rotineiras até as que definem o rumo fundamental de nossa vida. Mas frequentemente nos encontramos com pessoas que se angustiam diante deste *desafio* da liberdade. Por que será? Segundo a nossa opinião, se deve ao medo de escolher de forma errada e colocar em jogo a felicidade – ainda mais na nossa sociedade pós-moderna, onde não se pode *perder tempo* em opções



erradas. Todo ser humano deseja viver uma vida feliz, realizando aquilo que o plenifica; só que temos que descobrir como. Trata-se de descobrir aquilo que nos faria bem e feliz. Este desejo percebe-se “como um dever ser desde o interior, desde a própria consciência, e não como uma construção desde o exterior, desde outro ou o outro, desde um mandato” (MILANO, 2013, p. 10). Ou seja, desde um “para que definido por seu *sentido*, algo que brota da mesma pessoa, e não de algo alheio a ela” (MILANO, 2013, p. 9)<sup>23</sup>.

A vocação-missão é o chamado que, estando em nós, não vem como uma invenção, arbítrio ou ocorrência; mas radicando no interior, faz-se um eu de identidade única e pessoal, o qual, batendo às portas do nosso coração, espera ser realizado além de nossos interesses (MILANO, 2013, p. 12).

Mas nem toda escolha poderá ser provada cientificamente como acertada; o êxito não está assegurado. Corremos o risco de errarmos, mas se não correremos esse risco, caímos em outro: não chegar a ser felizes e autênticos em nossa vocação. “Nossas inseguranças provocam a reação mais comum de se aferrar às seguranças alheias e já provadas como bem sucedidas. [...] Tudo isto é inautenticidade, é postergar ou negar o “ser si mesmo” (MILANO, 2013, p. 49). “Cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável” (FRANKL, 1991, p. 99).

Viktor Frankl (1905-1997) foi um neurologista e psiquiatra que sobreviveu aos campos de concentração, principalmente em Auschwitz, de 1942 a 1945. Com o desenrolar do tempo, ele foi dando novo significado à experiência vivida e descobriu o que se conheceria com o nome de *logoterapia*.

O termo *logos* é uma palavra grega e significa *sentido*! A logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a *Terceira Escola Vienense de Psicoterapia*, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por este sentido. Para a logoterapia, a *busca de sentido* na vida da pessoa é a força motivadora no ser humano (FRANKL, 1991, p. 92).

O tema da busca de um sentido para a vida foi inaugurado pelo neurologista e psiquiatra Viktor Frankl (1905-1997), ao criar a logoterapia como uma psicoterapia baseada na busca da vontade de sentido. É um tema relevante para os nossos tempos e que

---

<sup>2</sup> Tradução nossa

<sup>3</sup> Juan José Milano, logoterapeuta argentino, é professor da *Universidad del Salvador* e em diversos centros acadêmicos, em áreas como a antropologia filosófica, a orientação logoterapêutica, a filosofia, a teologia e a psicooncologia.



merece ser aprofundado, já que ele descobrirá que algumas neuroses do mundo contemporâneo têm sua raiz na “incapacidade de encontrar um sentido e um senso de responsabilidade para a existência” (FRANKL, 1991, p. 8).

Segundo o logoterapeuta Juan José Milano, diante este *dever existencial*, podemos responder de três maneiras ou atitudes diferentes: 1) *desde fora*<sup>4</sup>, respondendo a um imperativo externo a nós, o qual resultará num fracasso ou mediocridade e vazio existencial por não responder à verdadeira motivação da nossa vida, ou seja, ao *sentido*; 2) *desde fora e desde dentro*, respondendo aos dois tipos de necessidades, mas com o risco de levar uma vida vazia de sentido, cujo sintoma é a falta de alegria e motivação criativa; 3) *desde dentro*, respondendo desde o que realmente somos, buscando o encontro entre aquilo que queremos e o que as circunstâncias possibilitam, levando à plenitude, a uma vida autêntica, real diante de si mesmo e dos outros.

Desta maneira verifica-se que toda vida que é motivada *desde dentro* “se realizará com tanta paixão e convencimento, que mais cedo ou mais tarde se plasmará como expressão de uma vivência interior e uma autenticidade expressada por cada um de seus atos” (MILANO, 2001, p. 24). Quando o ser humano encontra *o sentido* da sua vida, aquilo que o levará a ser feliz e que irá descobrindo no transcurso da vida, não poderá mais “fugir” desse sentido. Aparece na pessoa

um ato intuitivo, do inconsciente espiritual condicionado, que capta imediatamente (compreensão) o que deve escolher, e com um peso do dever de consciência. É o instante quando apaixonadamente podemos nos dizer a nós mesmos: É isto... este é meu caminho (MILANO, 2001, p. 22).

A respeito desse assunto, Juan José Milano apresenta uma tese que diz que sem perder a liberdade de escolher ou não determinado caminho, “não é este caminho que de alguma maneira tinha me escolhido para ser transitado?” (MILANO, 2001, p. 34). Segundo esta teoria, os caminhos que se escolhem como expressão daquilo que dá sentido à vida, de alguma maneira já estavam no interior da pessoa - o inconsciente espiritual de Frankl - e é o que permite dar a resposta *desde dentro*, ou seja, desde a própria identidade, convertendo-se dessa maneira na possibilidade de resposta mais plena ao chamado para ser

---

<sup>4</sup>Os nomes atribuídos a cada atitude foram escolhidos por mim.



mais autêntico e mais feliz. Poderia se pensar que a liberdade fica anulada, mas esta resposta é uma possibilidade entre outras, porque “sempre vou ter a possibilidade de dizer sim ou não ao chamado interior, o qual, embora já exista, não fica excluída a liberdade de aceitá-lo ou não” (MILANO, 2001, p. 22). Desta maneira se responderá de maneira autêntica, uma resposta em sintonia com a própria identidade, permitindo ser *mais aquela pessoa que somos* e não tanto aquilo que não somos, ou que vem de fora. Trata-se, então, de ser original, porque somos seres únicos.

O preço a pagar por não aceitar o chamado interior é uma vida inautêntica, porque é uma rejeição a ser o que nossa identidade está chamada a ser, “se convertendo numa *necessidade* que dá energia para o dia a dia que não se pode evitar nem postergar” (MILANO, 2001, p. 56). Não obstante, este chamado não vem de fora, mas do nosso mais íntimo; por isso é que podemos afirmar que expressa nossa identidade, e, portanto, desobedecer a esse chamado nos levará à inautenticidade. “O *detonante* da opção concreta, é o instante existente entre uma resposta desde o interior e uma chamada que emergiu desde o exterior” (MILANO, 2001, p. 66).

Para escutar esta *voz interior* será necessária uma série de atitudes interiores que nos permitam poder escutá-la, deixando-nos inquietar para saber a que nos conduz, para finalmente tomarmos uma decisão: “silêncio interior para escutar o nosso coração. *Assim como só na contemplação se dá a plena ação, no silêncio se dá a plena escuta*” (MILANO, 2001, p. 33). É um grande desafio para os nossos tempos, porque no mundo da tecnologia e da primazia da tela, o exercício da solidão parece um absurdo, e a proposta de olhar o nosso interior não faz sentido e é uma perda de tempo. A descoberta do verdadeiro sentido para a vida fica, portanto, prejudicado porque a pessoa se vê bombardeada por tantas propostas diferentes que não chega a amadurecer sua liberdade para escolhas autênticas e verdadeiras. Prestar atenção e dar ouvido ao que toca os sentimentos e os desejos, é um desafio que implica *nadar contra a corrente*, mas nos permite avançar na *corrente do nosso coração*, buscando o *mais autêntico do nosso ser, a identidade, a vontade de sentido*.



“Enquanto na psicanálise o homem se torna consciente do instintual, na logoterapia ou análise existencial ele se torna consciente de algo espiritual ou existencial” (FRANKL, 1985, p. 22). E a raiz desta *nova consciência* radica no *inconsciente*, porque somente ele é capaz de captar e valorar com força de verdade algo que não tem fundamento na razão. E se não é compreendido pela razão, como será compreendido? A resposta está na *intuição*. “A logoterapia, como análise existencial que é, reconhece no homem a *dimensão noológica* situada além do psicofísico, numa visão mais ampla que inclui o espiritual, entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística” (FRANKL, 1985, p. 8). A palavra deriva de “nous”, que significa *espiritual*, aquilo mais profundo que há no ser humano e o leva à transcendência, que se traduz numa vontade de sentido, sendo a característica própria do ser humano. Não valorizar esta compreensão tornaria incompreensíveis as grandes escolhas da humanidade por um *chamado interior* ou *vocação*. Por tal motivo, a intuição permite ir muito além do que nos propõe a consciência dos nossos impulsos ou instintos – psicanálise – porque a *análise existencial* – logoterapia – permite-nos tomar consciência do próprio eu, provocando o encontro com nós mesmos.

Existem fenômenos que estão radicados nas profundezas emocionais e intuitivas não racionais da pessoa. O amor é um deles, assim também como a consciência artística. O amor é a única motivação que não precisa justificação ou razões válidas para uma determinada conduta e tem funções cognitivas, porque “somente o amor capacita a pessoa que ama a compreender o aspecto único e exclusivo da pessoa amada” (FRANKL, 1985, p. 31).

O amor é o motor necessário da existência autêntica e a transcendência, o fim e o veículo ao mesmo tempo [...]. Se somos capazes de amar, é porque fomos amados primeiro. Nossa missão personalíssima nos amou, e por isso nos convocou, nos vocacionou, ou seja, nos chamou e nos enamorou. É gastar a vida para vivê-la por algo que a merece como oferenda (por amor), e aquilo levará desde o prazer à felicidade, descobrindo o sentido que move e tensiona a nosso ser intencional, crescendo e fazendo crescer. Um signo vocacional será também, neste aspecto, o sentir prazer de um obrar por algo, por uma meta, considerando-a a maior paga em si mesma (MILANO, 2013, p. 51).

Assim, alguém que ama é capaz de se doar plenamente ao outro, aportando algo novo e original, ou seja, sendo ele mesmo; alguém assim é plenamente livre.



O objeto da logoterapia “não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver um sentido em sua vida. Esta é a razão pela qual o ser humano estará pronto até a sofrer” (FRANKL, 1991, p. 101) sempre com um sentido. Por exemplo, nos momentos onde a liberdade exterior fica anulada, como a escravidão ou presídio, em que parece que deixamos de ser os donos das nossas vidas, surge algo que ninguém pode tirar: *a vontade de viver*.

Segundo Rollo May<sup>5</sup> há dois tipos de liberdade: *liberdade de fazer* (ou *liberdade existencial*) e *liberdade de ser* (ou *liberdade essencial*). A *liberdade de fazer* “é a capacidade de deter-se diante de estímulos vindos de muitas direções ao mesmo tempo e, nesta pausa, colocar o peso de si mesmo nessa resposta antes que em outra” (MAY, 1988, p. 54). É a capacidade de *decidir* e *escolher*, e também de fazer perguntas, porque a natureza delas radica na multiplicidade de respostas. “Enquanto a liberdade de fazer remete ao ato, a *liberdade de ser* remete ao contexto a partir do qual emerge a urgência de agir; remete a um nível mais profundo na estrutura da pessoa e é a fonte da qual brota a *liberdade de fazer*” (MAY, 1988, p. 55). Por isso se chama *liberdade essencial*.

Esta última é muito importante, mas poucas vezes se chega a ter consciência dela. É aquele *espaço interior* ao qual ninguém tem acesso, onde cada um se percebe como um si mesmo, e consegue que a pessoa transcenda os sofrimentos. Sua mais profunda expressão se acha no ato de *pensar*.

Enquanto eles não encontrarem maneira de tirar meus pensamentos, sou livre. O pensamento é liberdade. A fonte da esperança nas mais desesperadas de todas as situações. Uma pessoa pode viver sem exercício exterior da liberdade, mas não sem a liberdade (MAY, 1988, p. 56).

Para Viktor Frankl “a única coisa que sobrou é a última liberdade humana – a capacidade de escolher a atitude pessoal que se assume diante de determinado conjunto de circunstâncias” (FRANKL, 1991, p. 9).

O fruto de viver uma vida segundo estes critérios é a *felicidade*, já que a pessoa será *autêntica* e *responsável* e capaz de seguir os ditames da sua dimensão espiritual. Milano (2013, p. 52) vai dizer que a felicidade é um estado que vai além dos sofrimentos,

---

<sup>5</sup> Rollo May (1909-1994). Psicólogo e psicoterapeuta norte-americano, incorporou a psicologia e psicoterapia existencial nos EUA.



contrariedades ou problemas de todo tipo, “pois quando o sujeito sabe quem é e que está onde deve estar, sente paz e descanso em si mesmo”.

### **Jesus cristo: uma vida com sentido**

Os cristãos temos em comum uma busca de sentido, uma forma de viver que oriente nossa vida e a encontramos no seguimento de Jesus Cristo. Nisso consiste o que chamamos “seguimento de Jesus”. O próprio Jesus confirma nossa hipótese sobre a necessidade do sentido e se torna, nesse caso, modelo para nós, e como tal, vale nos perguntar como foi sua vida, como a encarnou, como viveu a liberdade e qual terá sido sua *vontade de sentido*.

José Emilio Justo<sup>6</sup> coloca como principal motivação existencial de Jesus a consciência que tinha de ser o Filho de Deus, “o qual é decisivo para pensar como se entendeu a si mesmo e como viveu sua relação com o Pai e com os homens, como viveu sua missão e que sentido deu à sua existência” (2014, p. 35), expressadas nas decisões concretas da sua vida. Lendo os Evangelhos, fica claro que a decisão vital de Jesus que expressa sua *dimensão espiritual* - aquilo de mais autêntico que há no ser humano - foi *amar* até o fim e oferecer sua vida aos outros. “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15,12). “Esta opção consiste em fazer a vontade do Pai. Seu amor ao Pai se mostra no permanente *sim* obediente em que consiste sua existência. E desde aqui se entende toda a vida de Jesus, porque assim configurou sua liberdade” (JUSTO, 2014, p. 40).

Jesus deveu assumir a vida humana na sua totalidade, e viver como todo homem vive, assumindo também todas suas consequências. “Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós” (GS 22). Os Evangelhos nos dão uma clara mostra disso com as tentações (Mc 1,12-13; Mt 4,1-11; Lc 4,1-13). As tentações buscavam levar Jesus a um rompimento com Deus e com o sentido que dera à sua vida, por isso, ao entregar sua vida, Jesus permaneceu fiel a ela, sem

---

<sup>6</sup> Tradução nossa





jamais perder sua liberdade. Sendo obediente até a morte, ele não só foi fiel ao Pai, a quem entregou sua vida em fidelidade, mas também com ele mesmo, já que sua identidade estava configurada por um profundo sentido existencial: o projeto da construção do Reino. Graças a sua liberdade Jesus foi dócil ao Espírito Santo, quem

capacitou sua humanidade par levar a cabo sua missão e a abriu para a relação com o Pai. Graças à ação do Espírito Santo, Jesus ora e pode experimentar humanamente o amor do seu Pai, como também pode se entregar humanamente a Ele, consciente de sua filiação e disponível para cumprir sua vontade. Assim, pôde fazer uma experiência continua da intimidade e a comunhão com o Pai (JUSTO, 1991, p. 108).

Jesus sabe da sua missão, mas Deus não tira dele a sua liberdade; ele desenvolve sua *criatividade* para agir, conforme sua identidade pessoal, descoberta e aprofundada nesta relação de amor com o Pai, inspirada no Espírito, mediante a qual se entrega misericordiosamente aos homens. “Não sabe automaticamente o que tem que fazer, mas tem que exercitar a *capacidade criativa* da sua liberdade” (JUSTO, 1991, p. 124).

Enquanto nas tentações ele decide ser obediente, em Getsêmani leva a cabo essa decisão até o limite, fazendo a vontade do Pai. Jesus, na sua liberdade, “não se deixa conduzir pelo medo, a angústia ou a comodidade, mas se deixa levar pelo amor ao Pai, que é a razão de ser da sua existência e marca sua identidade mais profunda” (JUSTO, 1991, p. 48). Viver em total obediência filial foi aquela vontade de sentido que motivou Jesus a viver por amor a Deus em oferenda aos homens e dar a vida. “Morreu em atitude *proexistente*, entregando sua vida por todos os homens, atitude que é também essencial no ser de Jesus ressuscitado, que intercede eternamente por seus irmãos” (1991, p. 54). A *última ceia* de João, relatada na cena do *lava pés* (Jo 13,1-20), pode ser lida à luz desta atitude, explicando o sentido da sua morte como oferenda e entrega a todos os seres humanos por amor. O sentido da sua vida é posto em prática na cena do lava-pés, como o legado concreto de seu amor. Jesus vem mostrar sua identidade mais plena, é o momento onde ele revelará num gesto concreto a razão do seu existir, sua vocação, a motivação existencial da sua vida; em outras palavras, sua *vontade de sentido* de maneira mais pura. Esta atitude proexistente expressada em vários momentos da sua vida, chega ao limite da doação da própria vida, “até o extremo de se dar inteiramente na cruz por amor aos pecadores, para que possam alcançar a reconciliação com Deus e o reinado de Deus seja



real no meio do mundo e a história”. Também a Eucaristia é uma expressão da sua vontade de sentido, onde os gestos do pão repartido e o vinho são sua própria vida entregue e partilhada.

A experiência de se saber amado incondicionalmente pelo Pai, levou Jesus a amá-lo com uma absoluta confiança filial; só assim se explica sua obediência. Jesus obedeceu ao Pai por amor, e “humilhou-se, e foi obediente até a morte, e morte de cruz” (Fl 2,8). Só pode amar quem se sentiu amado, e ao amor se responde amando de maneira gratuita. Sempre o amor move a agir, porque “o amor consiste mais em obras do que em palavras” (EE 230). A entrega obediente de Jesus ao projeto do Pai não tirou sua identidade; ao contrário, o levou ao encontro de sua identidade mais profunda. Então, a obediência não limita, mas permite esta comunicação, esta resposta; *a obediência realiza a liberdade*. “Não se trata de ficar livres de fatores condicionantes, mas sim da liberdade de tomar uma posição frente aos condicionamentos” (FRANKL, 1991, p. 112), sendo uma pessoa autêntica, responsável e feliz. Hoje se pensa que ser livre não é se deixar conduzir por nenhuma norma. Pelo contrário, ser livre significa decidir por si mesmo, e se deixar conduzir por aquela dimensão espiritual, que sempre aponta para um sentido de totalidade da existência. Este se *deixar conduzir* não tira a liberdade; ao contrário, se torna uma possibilidade para ser livre, que faz assumir riscos, ser responsável e levar a vida com consciência. E esta dimensão a encontramos em nosso Mestre, Jesus Cristo, que exercia esta liberdade e era fiel a um projeto. Para São Miguel Garicoits<sup>7</sup>, o verbo amar está fundido com o verbo obedecer, não podendo o amor ser concebido sem a obediência, já que esta é a consequência da primeira. Segundo seu pensamento, o amor deve ser a principal motivação de toda conduta, e a obediência a regra da conduta exterior; *é a lei do amor*. Obedecer por amor é para ele o resumo da perfeição, na vida em conformidade com a vontade de Deus. Por isso sugere uma ideia reguladora: *Deus tudo, eu nada*.

---

<sup>7</sup>São Miguel Garicoits (1797-1863). Sacerdote basco francês, fundador da Congregação do Sagrado Coração de Jesus de Betharram.



Jesus foi livre sendo capaz de transcender a si mesmo, autodeterminando-se em prol daquele sentido que motivava sua vida. Emilio Justo (1991, p. 130) fala de uma *liberdade santa*: “esta é uma ausência total de pecado enquanto está originariamente capacitada para amar de forma radical”. Ele não estava impedido de pecar, mas foi capaz de amar radicalmente. A liberdade de Jesus se orienta totalmente para o amor, o que se torna sua opção fundamental, por isso se trata de uma liberdade santa. Ele descobriu este *dever existencial* fora da dinâmica do pecado: ele *não devia* pecar. Entrando no dinamismo da logoterapia, a dimensão espiritual de Jesus não o deixava pecar, e era tão arraigada que ele exercia sua liberdade de uma maneira plena, dizendo não ao pecado. Quem ama de maneira perfeita não peca. “Precisamente porque era absolutamente livre não podia pecar” (JUSTO, 1991, p. 142). Ele se determinou a viver uma vida ofertada por amor, e neste projeto não cabia o pecado. Todo ser humano que peca se desumaniza, já que vive o reverso do plano de amor que Deus sonhou para a humanidade. Jesus, ao não pecar, levou à plenitude a vida que todo ser humano está chamado a viver, realizando plenamente sua humanidade. Deste modo, viveu existencialmente a liberdade humana, levando-a à plenitude. Só assim foi capaz de se entregar na cruz, maior ato de amor que mostrou em na sua vida. Esta liberdade o capacitou para a doação plena da sua vida. “Deste modo, Jesus dá a medida da humanidade, que está chamada à santidade” (JUSTO, 1991, p. 142). Mas esta capacidade radical para amar não é algo inalcançável para nós. Os cristãos somos convidados a entrar em comunhão com Jesus Cristo, libertando nossa capacidade para o serviço no amor. “Ele viveu e realizou de forma culminante a liberdade humana e abriu e ofereceu a todo homem a possibilidade de viver com seriedade sua própria liberdade” (JUSTO, 1991, p. 149).

Na cruz ele foi livre até o extremo, amando até dar a vida. Jesus doou sua vida aos homens como entrega amorosa ao Pai e aos homens. E o homem, pelo pecado, entregou Jesus na cruz. Este acontecimento foi fruto da liberdade do homem, cujo pecado fez condenar e crucificar Jesus. Por causa do pecado do ser humano, Jesus experimentou e padeceu essa morte trágica, assumindo-a livremente. Mas o amor de Deus superou o pecado do homem, redimindo o ser humano do pecado. Deus entra em comunhão plena



com o ser humano oferecendo-lhe a reconciliação, na vida, morte e ressurreição de Jesus, mostrando que o caminho de liberdade e de amor é maior que todo pecado. “Na cruz de Jesus se revela o pecado do homem em toda sua cruzeza, ao mesmo tempo que se comunica de forma absoluta o amor infinito de Deus” (JUSTO, 1991, p. 168). Por isso é que o amor não é um sentimento, mas uma opção originada desde o mais profundo, daquele reduto interior onde ninguém chega, daquela fonte na qual se bebe essa liberdade essencial que capacita para amar em plenitude. Jesus, ao exercer sua *liberdade santa*, oferecendo-se por amor a todos sem pecado, provoca-nos a acolher na nossa vida esta proposta salvífica de Deus que se deu em Jesus Cristo, vivendo nossa liberdade em plenitude, alicerçando-a no amor: “como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13,34). Deste modo, Jesus nos mostrou o poder grandioso e soberano do amor, na fidelidade e obediência ao Pai, até à morte na cruz, manifestação do amor supremo de Deus.

Mas o evento que dá sentido ao nosso ser cristã é a ressurreição de Jesus. Este é também um ato de liberdade, porque nela o Pai afirma o amor, libertando-o da morte. É a vitória soberana do amor, manifestado em Deus Pai que cria por amor, no Filho que nos salva mostrando o caminho de amor que conduz ao Pai, e no Espírito Santo que nos inspira para amar. Na sua liberdade, o Filho vai para junto do Pai “em perfeita coerência com sua inteira existência terrena e alcançando a perfeição da sua autodeterminação existencial” (JUSTO, 1991, p. 177). Com a ressurreição, chega à plenitude da sua liberdade, realizando plenamente o sentido existencial da sua vida. O Evangelho de João nos fala como Jesus exerceu sua liberdade em viver com total fidelidade à sua opção, em especial no discurso do bom pastor. A relação de amor de Jesus com o Pai é a fonte da sua liberdade para dar a vida por aqueles que ama. “Por isso, o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder de retomá-la” (Jo 10,17-18). Em Jesus, tudo o que vem do Pai é entregue aos discípulos. Porque dá sua vida é que pode retomá-la, porque a dá em total liberdade. “Jesus pode retomar a vida de que ele dispõe, pois ninguém a tira contra sua vontade. Ele empenha sua vida porque quer, soberanamente, assim como ele pode retomá-la” (KONINGS, 2005, p. 208). E é o que acaba acontecendo na ressurreição. Agora como ressuscitado vive



eternamente realizando sua liberdade como doação fiel de si mesmo ao Pai numa entrega amorosa pelos homens, fazendo-se presente em cada momento e em cada pessoa, gerando comunhão com os seres humanos para uma vida proexistente. (JUSTO, 1991, p. 178). Jesus Ressuscitado age também na Eucaristia. Nela se condensa a vida toda de Jesus, porque nela ele se entrega a cada cristão, atualizando sua paixão, morte e ressurreição. Ele anima, provoca e capacita os homens a assumir essa atitude proexistente com liberdade criativa. Jesus Ressuscitado está à espera da nossa resposta para construir o reino de Deus que ele veio trazer e encher nossa vida e a vida do mundo inteiro de sentido, baseado no amor e na liberdade plena.

### **A religião como vontade de sentido**

Viktor Frankl apresenta a vontade de sentido como a motivação fundamental do ser humano, a qual, não sendo realizada, provoca frustrações e neuroses. A busca de um sentido para a vida se encontra, portanto, no coração da experiência humana. Embora tal busca possa não incluir a religião, acolhe a fé religiosa como um dispositivo a favor do sentido e da saúde, por permitir ao ser humano tomar distância de seus sofrimentos em vista de uma tarefa para além dele mesmo. Quanto saudável, a religião não cria neuroses, mas ajuda a curá-las.

Nós achamos um claro exemplo em Jesus Cristo. Ser cristão significa viver desde Jesus de Nazaré e sua proposta. Embora a logoterapia prega a transcendência do ser humano além do fenômeno religioso, nós podemos comprovar que a fé, na verdade, nada mais é do que um sentido dado à existência a partir da vida, morte e ressurreição de Jesus.

Jesus nos mostra que existe uma vida cheia de sentido junto de Deus, e ele nos mostra o caminho com uma vida que é exemplo para nós. Ele nos mostrou o destino querido por Deus, mas cada destino particular fica determinado pelo exercício das liberdades pessoais. Abriu um caminho onde o ser humano pode ser pleno, dotando sua vida de sentido, vivendo em solidariedade com todos, por amor aos homens e a Deus. Ele viveu este projeto de amor humanamente, exercendo uma liberdade santa, capaz de se doar e de se autodeterminar radicalmente em prol dos demais.



Jesus foi se configurando e se capacitando para entregar sua vida em obediência ao Pai. Se sua vida foi assumida em chave proexistente, sua liberdade também se configurou deste modo, orientando sua liberdade para o bem dos outros. Assim, “o exercício da sua liberdade humana supõe uma libertação para a humanidade” (JUSTO, 1991, p. 50). Ele assumiu nossa humanidade e nos mostrou o caminho, vivendo a solidariedade com todos, e ainda mais com os pecadores, mostrando como a misericórdia de Deus possibilita uma vida plena de sentido. Esta solidariedade nos compromete com a falta de liberdade e de sentido existencial da humanidade: enquanto uma pessoa não possa se determinar a si mesma e se ache num vazio existencial que ofusca a motivação pela vida, devemos ajudá-la, no exercício da sua liberdade, a encontrar as motivações que realizem o sentido da sua vida. Por isso, uma verdadeira liberdade deve ser solidária, e isso nos compromete a todos. Oferecendo a própria vida, pode-se dar vida aos outros, e a condição é tê-la primeiro, e tê-la plenamente. Provoca-nos a tomar consciência que a vida que recebemos é dom de Deus, e cumprir o mandamento do Pai consiste em dar a vida para oferecê-la aos outros, porque “tudo foi feito por meio dele” (Jo 1,3). Em

Ser cristão não é uma utopia: é um projeto real de vida que dá sentido à nossa vida e nos faz livres, marcados com o amor garantido pela ressurreição. Jesus encontrou *a pérola, o tesouro* que deu sentido à sua vida. Desta maneira configurou um projeto de vida, e foi fiel e obediente a ele até o final, amando livremente. O amor genuíno só será possível se antes nos sentirmos amados. Não surge como troca pelo amor recebido, mas *por amor ao amor recebido*, pois tudo vem da providência amorosa de Deus. Viver este amor pleno exige obediência, perseverança, fé. Jesus nos mostrou o caminho. Só resta caminhar!

Jesus com este exemplo nos mostra que vale a pena viver uma vida em fidelidade ao Pai, uma vida que tem sentido, e nos dá o exemplo de como viver uma liberdade santa (que explicamos no capítulo anterior): uma liberdade orientada para o amor de forma radical como opção fundamental, rejeitando o pecado, dirigida aos homens e originada no amor e fidelidade ao Pai. E todos estamos chamados a vivê-la. “Em verdade, em verdade, vos digo: quem crê em mim fará as obras que eu faço e fará até maiores do que elas” (Jo 14,12).



Assim como aconteceu com Frankl no campo de concentração, Jesus viveu seus pensamentos em vez de escrevê-los, e principalmente na cena do lava pés vem nos demonstrar isso, exercendo sua liberdade no serviço com sentido, por amor ao Pai. Jesus Cristo nos mostra como em uma religião, e neste caso, o seguimento de *alguém*, pode conferir um mundo de sentidos. Esta liberdade capacitou Jesus para a doação plena da sua vida, e dota de sentido também a nós, mostrando o caminho para a *felicidade*. Em termos joaninos, é a *vida eterna*. Em termos franklianos, é uma *vida com sentido*.

### Conclusão

Viktor Frankl, o criador da *logoterapia*, fala que uns dos males da sociedade pós-moderna radica no *vazio existencial*, que consiste na ausência de *vontade de sentido*, como aquela que motiva nossa vida e nos leva até a dar a vida pelos valores que a orientam. A vontade de sentido se acha na *dimensão espiritual* da pessoa, aquilo que constitui o mais pessoal, e se percebe como um ato intuitivo que capta o que se deve escolher com um peso de dever de consciência, como se o caminho fosse quem escolheu por primeiro a pessoa.

Para os cristãos, Jesus Cristo se apresenta como modelo de quem exerceu plenamente sua liberdade, sendo sua vida expressão concreta de sua vontade de sentido. A sua opção fundamental consiste em fazer a vontade do Pai, vivendo em função da missão que ele lhe confiou, amando como Deus ama, ilimitadamente e sem condições, por amor ao Pai e aos homens. Esta liberdade configura uma atitude *proexistente*, ou seja, um *ser para*: para Deus e para os homens. Em Jesus se plenifica o chamado de Deus para cada homem, amando como Deus nos amou e porque ele nos amou por primeiro. Podemos ver este aspecto sobretudo no discurso do Bom Pastor (Jo 10,11-18), onde vemos um Jesus livre, dono da sua vida, que a empenha em liberdade dando mais vida aos outros.

Ser cristão é um projeto real de vida, que dá sentido à existência. Embora a busca do sentido que prega Viktor Frankl possa não incluir a religião, a fé religiosa pode se converter em aquilo que fornece o sentido à existência humana, sendo assim a cura de muitos males em nossa sociedade, sendo que a vida encontra um para que ser vivida. Jesus mostrou com seu exemplo que o caminho é possível, sendo capaz até de sofrer, vivendo em fidelidade e por amor.

### Referências

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1985.



CENTRO DE ESPIRITUALIDADE INACIANA. *Escritos de Santo Inácio: exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. Porto Alegre: Sinodal, 1985.

JUSTO DOMINGUEZ, Emilio José. *La libertad de Jesus*. Salamanca: Sígueme, 2014.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. São Paulo: Loyola, 2005.

LESLIE, Robert C. *Jesus e a Logoterapia: o ministério de Jesus interpretado à luz da psicoterapia de Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus, 2013.

MAY, Rollo. *Libertad y destino en psicoterapia*. Bilbao: Desclee de Brouwer, 1988.

MILANO, Juan José F. *De la identidad a la autenticidade: si vivimos vivimos por un porqué y esse porqué, es el sentido de nuestro ser y existir*. Dom Torcuato: Autores de Argentina, 2013.

PAULO VI. *Gaudium et spes: constituição pastoral*. 1965. Disponível em: <[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_sp.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_sp.html)>. Acesso em: 22 ago.2018.

VIDAL, Marciano. *Moral de atitudes: 1º volume moral fundamental*. 2. ed. baseada na 5 ed. espanhola. Aparecida: Santuário, 1985.